

¹EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA: UM ESTUDO SOBRE O ACERVO DA LAJE

² Andreane Pereira Moreira

³ Luciano Santos

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB – CAMPUS I – Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEduC
www.uneb.com.br

Resumo: O presente artigo pretende discutir à luz dos autores e conceitos elencados na disciplina de Bases Filosóficas, a importância da valorização da cultura do povo, desta cultura dita periférica; como também a necessidade desse saber prévio ser utilizado como mecanismo de emancipação política, de maneira que possibilite a formação de cidadãos mais críticos e participativos na sociedade. Aqui se faz um recorte acerca de cultura e contemporaneidade, considerando os aspectos históricos e atuais para a valorização do saber do de um povo e do espaço do Acervo da Laje no subúrbio ferroviário de Salvador na Bahia, enquanto instrumento promotor de emancipação e valorização da cultura local.

Palavras Chave: Cultura, Educação Popular, Emancipação Política.

¹. Pesquisa sobre a Educação Popular desenvolvida no Acervo da Laje, subúrbio ferroviário de Salvador-Ba.

². Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Linha de Pesquisa 1: Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural. Orientador: Professor Doutor Luciano Santos

1. Introdução

Nesta pesquisa que se preocupa conhecer a importância da valorização da cultura produzida a partir de moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador, do ponto de vista do objetivo geral pretende-se conhecerem suas complexidades e peculiaridades o trabalho de Educação Popular desenvolvido pelo Acervo da Laje no Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia.

Desdobrando-se os objetivos específicos em: Analisar a perspectiva do Acervo, enquanto espaço de construção de significados sócio-políticos para a região do Subúrbio Ferroviário de Salvador; Identificar sentimentos de pertença e identificação da comunidade do entorno com o projeto desenvolvido no Acervo da Laje; Investigar o fortalecimento de identidades e emancipação partir da valorização da cultural local.

Sobre a questão da pesquisa, destacamos a seguinte pergunta: Qual a contribuição do Acervo da Laje para a visibilidade da cultura desenvolvida no subúrbio ferroviário?

A partir daqui se delimita um novo marco de aprofundamento neste que não se trata mais de um projeto, mas do início para a construção da dissertação; partindo do pressuposto de iniciar realizando abordagens acerca de conceitos e discussões que são caras no âmbito da educação popular como forma de resistência e emancipação política; a apropriação e compartilhamento da beleza como referências principais neste processo que deve ser contínuo rumo ao compartilhamento de espaços e conquistas.

Educação Popular como projeto emancipatório

A Educação Popular apresenta-se na contemporaneidade, como uma metodologia necessária, com vistas a atuar prioritariamente como possibilidade de emancipação do cidadão, tendo como característica principal a valorização da cultura local através de seus agentes de produção de forma a oportunizar a identificação desses sujeitos com determinados espaços geográficos, intensificando, efetivamente, a valorização dos saberes produzido em determinados territórios.

Nascimento (1985) pontua sobre a viabilidade histórica da Educação Popular, partindo do período conhecido como desenvolvimentista brasileiro, quando o Estado, no arroubo de seguir os pressupostos estabelecidos pela hegemonia norte-americana, segue o princípio da negação da cidadania àqueles pertencentes às camadas subalternizadas, negando-lhes direitos, como sempre o fez.

Nesta vertente, a Educação Popular surge como um processo de retomada da consciência, possibilitando a luta pela cidadania e por direitos negados a grande parte da população, que não era representada de forma alguma por instâncias do poder administrativo brasileiro (HOBBSAWM, 2002). Destarte, essa falta de representatividade foi suprida pela instauração da Educação Popular, um movimento que aparece como mola propulsora para a luta e conquista de direitos, então chamado Movimentos de Base.

Renomados autores que discutem a educação popular, a exemplo de Paulo Freire (2005), apresentam a mesma enquanto instrumento de transformação da realidade opressora a partir da concepção da educação como conscientização e dialogicidade, reverberando em emancipação política e, conseqüentemente, mudança da realidade objetiva.

Carlos Rodrigues Brandão expõe acerca das sociedades indígenas e a forma como é conduzida socialmente as hierarquizações e o poder através da fala, de como esta funciona como uma sonoridade de saberes, vontades e crenças que são de todos, correlato, nos impulsiona a pensar as condições em que vivem as sociedade pautadas pela desigualdade, que nos fazem pensar em torno de uma educação que seja popular, de forma a exercitar o poder e emancipação política de forma coletiva em detrimento do pseudo Estado de Democracia no qual nos é facultado apenas o obedecer (BRANDÃO, 2006).

Machado (2013) pondera que nessas relações com as comunidades, a oportunidade de estimular a organização e mobilização popular é perdida, seja por falta de planejamento relacionado ao tempo, iniciativa ou mesmo desconhecimento; ou seja, a oportunidade de estimular a organização e mobilização popular é perdida, seja por falta de planejamento relacionado ao tempo, iniciativa ou mesmo desconhecimento.

Percebe-se que a educação popular é fundamental para a emancipação política e exercício cotidiano da cidadania, pois, a partir dela, é viável uma prática mais dialógica, democrática, que impulsiona processos de conscientização, organização, participação e mobilização, considerando o saber criado nas comunidades, o saber popular que deve ser autônomo e com respeito à diversidade cultural.

Carlos Brandão (2000) dialoga na perspectiva da educação popular como ato de resistência e de emancipação e saber da comunidade, na direção de uma educação que privilegie o fortalecimento de grupos, e um horizonte que possibilite o ir mais além, no intuito de uma mudança de mentes, de mentalidade, envolvendo a comunidade e respondendo aos seus anseios, como possibilidade de criar plurissignificações da realidade.

Santos (2013) versa acerca da invisibilidade que se impõe sobre a região do subúrbio ferroviário de Salvador-Ba, em uma perspectiva perversa por parte do poder hegemônico,

objetivando claramente a negação da existência de cultura produzida internamente, promovendo dessa forma, a exclusão de uma população que produz e que convive em meio a uma infinidade de riquezas e belezas produzidas por estes. Para Geertz (1989), “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”.

Separando-a por vezes do mundo e de domínios sociais e culturais onde ela concretamente existe, ou, ao contrário, associando-a diretamente a amplas e longínquas “determinações sociais” o pensamento do educador não raro esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada: a cultura — o lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui (BRANDÃO, 2006, p. 5).

Contextualizando com a vida e obra de Simone Weil, sua trajetória e de como esta se despojou de sua linhagem elitista até finalmente entrar e fazer parte do chão de uma fábrica de automóveis, tendo vestido a pele de campesina, esteve nos fronts de guerra espanhola, passou períodos convivendo nas ruas, esteve sim imbuída de um desejo voraz de compreender e através de sua experiência intelectual dar sentido e voz a milhares de oprimidos.

Concebeu a vida como o encontro das pessoas com Deus, pregou e viveu o aproximar-se destas, participar de suas dores e reconhecendo suas fraquezas e as injustiças a que estavam submetidas, compreendeu ser este, o ponto alto da existência humana. Compreendeu a educação como a principal saída para os males da contemporaneidade. É possível identificar a importância da educação para o enraizamento do humano, Simone Weil expõe acerca da necessidade de se falar a língua do povo e estabelecer diálogo com as diferenças.

Milton Santos (2003) aborda a Educação Popular a partir da questão da territorialidade, considerada como lócus de emancipação política. Na medida em que sua produção não desaparece como modismo, ela se constitui de verdades que são a expressão da própria existência dos indivíduos enquanto produtores culturais em seu meio.

Dialogando acerca da metodologia desenvolvida por Dom Milani e Freire, Mota (2018), traz a análise acerca dos princípios da pedagogia de educação popular, adotado pelos mesmos, que indicavam a não complacência com o ensino tradicional, na qual ignora o saber prévio por estes experienciados, apontando como caminho uma pedagogia que privilegiasse o indivíduo como um todo, dando conta de suas particularidades e que de fato se constituísse como contraponto ao saber aprendido de forma autoritária e centrado na cultura hegemônica dominante pautada em reforço negativo às desigualdades, sobretudo sociais.

Dussel (1993) traz a compreensão do mito da modernidade, que promove a invisibilização dos rostos de negros, índios e mestiços, como indivíduos passíveis de dominação; acrescentando-se a estes, outros rostos como os dos camponeses, dos marginais, que se configuram ainda na contemporaneidade, como exército de excluídos; e esta atitude de propagação de redução da cultura popular, sob o discurso do progresso, reafirma por parte da elite civilizatória, promovendo não sem propósito, a dizimação da cultura de um povo.

Laraia (2001) analisa acerca do homem como produto do meio em que vive, produzindo cultura juntamente com seus pares, sendo também herdeiro de um processo cumulativo de saberes que o antecedeu; e este movimento cotidiano permite-lhe novas e variadas invenções, o que o faz participante de uma ação em conjunto com toda a sociedade, na qual está inserido e de que se faz coprodutor.

O que é importante é o nascimento de uma nova maneira de conceber o homem e o mundo, bem como o fato desta concepção não mais ser reservada aos grandes intelectuais, mas tender a se tornar popular, de massa, com caráter concretamente mundial, modificando (ainda que através de combinações híbridas) o pensamento popular, a mumificada cultura popular (GRAMSCI, 1995 p. 127).

A necessidade de reconhecimento de seu estado de oprimido pelo povo, e apropriação de sua cultura enquanto elemento de valorização e transformação social perpassa a compreensão do contexto de opressão e desigualdade em que vive, no intuito de que a coletividade se una em prol do bem comum (FREIRE, 1968).

O Acervo da Laje, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador-Ba, se apresenta como um desses espaços de luta e resistência, a partir de seu idealizador, o professor José Eduardo Ferreira Santos. O intuito do Acervo também é o de fazer com que a comunidade se identifique com outras imagens do seu lugar, diferentes das imagens de pobreza e violência tão divulgadas pela mídia. Trata-se de um espaço artístico e cultural no Subúrbio Ferroviário, aonde o professor José Eduardo e sua esposa, Vilma Santos, vêm acumulando elementos afetivos que contam a história da área em construção coletiva com moradores e artistas locais.

O aspecto social do Acervo da Laje é uma reconstrução do mosaico simbólico da periferia de Salvador, ou seja, estamos restituindo aquilo que a própria cidade retirou dessa área e nunca lhe devolveu: a dignidade, a cultura, o acesso às obras de arte e a beleza, seja ela no território, nas pessoas e nas obras de arte (SANTOS, 2014, p.14).

A motivação para o desenvolvimento deste projeto deu-se a partir das experiências compartilhadas pelo professor José Eduardo, em uma visita realizada ao Acervo da Laje, na qual suas vivências naquele espaço geográfico (Subúrbio Ferroviário) foram compartilhadas com os presentes, apresentando aquele espaço de identidade própria, enquanto morador local.

Transformar significa a reconstrução de ideias, conhecimentos, valores, sempre na priorização do respeito aos outros. A educação democrática e cidadã é construída porque amplia, dá vida aos assuntos, suas histórias, as experiências, as culturas. Dessa forma, a educação também promove a aquisição de conhecimentos e habilidades diversas que podem dignificar e qualificar a pessoa (MOTA, 2018 p. 30).

A identificação do Acervo da Laje como espaço de apropriação de cultura popular e que constitui elemento para esta mesma conscientização, ratifica o ideal da educação popular como elemento de transformação social inserindo-se e dialogando com questões pertinentes que envolvem a produção cultural e modos de vida locais do Subúrbio ferroviário de Salvador.

Ontologia Humana como referencia para uma educação humanizadora

O termo educação com base no dicionário Aurélio da língua portuguesa aparece como: *substantivo feminino*; ato ou efeito de educar-se; aplicação de métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano, pedagogia, didática, ensino.

Percebemos neste fragmento a ideia de algo posto como verdade para ser depositado sobre indivíduos que estariam supostamente aquém do processo de aprendizagem e conhecimento. Contrariando profundamente a concepção e educação popular propagada por Paulo Freire, que privilegia a dialogicidade como ferramenta indissociável e primordial no processo de compartilhamento de saberes e principalmente de organização para fins de emancipação política.

Porque tratar de ontologia humana, esse sistema de valores intrínsecos dotado de natureza em comum nesse contexto? Partindo do pressuposto de que a condição humana se constitui como quesito fundamental para a aprendizagem e socialização relacional, a educação popular encontra campo fecundo enquanto necessidade de consciência prática objetiva para o desenvolvimento de processos essenciais. Ao que Bomfim (2014), explicita:

Assumir a ontologia humana como referência para o estabelecimento de uma práxis social e educacional emancipatória implica na assunção dos atributos humanos como princípios didático-pedagógicos, quais sejam, o trabalho, a consciência, a universalidade, a sociabilidade e a liberdade (BOMFIM, 2014 p. 107).

Entende-se que a proposta de Educação Popular deve ser pautada no princípio da ontologia humana, pois do contrário corre-se o risco de cair nas armadilhas do senso comum. Bebendo nas fontes das ideias marxianas da qual Paulo Freire buscou por inspirações em diversos momentos, para desenvolvimento de sua metodologia, compreende-se a importância do construto sócio histórico, através do qual o homem é formado e diferenciado de outros animais através das relações que são constituídas na sociabilidade humana, com seus pares, como também no meio laboral.

Percebe-se que a apreensão da necessidade e urgência na implementação da Educação Popular, que se apresenta de fato como libertadora, perpassa pela utilização das dificuldades experienciadas pelos indivíduos, marcados principalmente pela égide perversa do capital quais sejam, a desigualdade, que segmenta, invisibiliza e exclui, de forma que possam encontrar sentido e ressonância em sua realidade cotidianamente vivida, de forma a promover a estimulação necessária para o rompimento com a opressão hegemônica estabelecida.

Arroyo (2007) argumenta neste sentido acerca do direito que os indivíduos têm de conhecer o estado em que foram historicamente “colocados”, como meros pacientes, isto mesmo, pacientes no sentido de estarem passivos diante de uma situação de negação de direitos humanos essenciais, e a necessidade do rompimento com esse *status quo*, através de um posicionamento crítico como agentes, que podem e devem unir-se a outros também negados, no sentido de coletivizar a luta em prol da defesa intransigente de direitos historicamente negados.

Culturas e suas apropriações

A cultura hegemônica desde os primórdios convencionou o uso do termo ‘Cultura’ como somente produzido a partir de classes dominantes. E esse entendimento tem sido desmistificado quando do entendimento da tradição marxista abraçada por Thompson (1987), com o esclarecimento de que o materialismo histórico se constitui como simples e indispensável na orientação de base teórica às pesquisas das particularidades e processos reais; a partir deste pensamento, Thompson pontua ser absolutamente necessária a opção de uma história vista a partir de “baixo”.

Neste entendimento, as incontáveis variedades de modos de dominações e revoluções, são esteios das lutas nas quais as classes se fazem e fazem história. O próprio Thompson (1987), escuta de maneira peculiar esses revolucionários, na medida em que rompe com a relação professor expositor, baseado na audiência passivo-receptora, advogando a ideia de que a experiência trazida para dentro da sala de aula pela “gente comum” era um poderoso recurso didático, no qual os alunos não deveriam enxergar motivos de vergonha ou desmerecimento.

E esta constitui a beleza da aprendizagem significativa, que é possível verificar através da metodologia da Educação Popular através da qual, todos os atores, sujeitos, indivíduos, cidadãos, estejam imbricadamente envolvidos, partícipes de sua própria história e apropriados de sua produção cultural.

Nesta vertente faz-se necessário a abordagem acerca da modernidade, atribuída por Berman (1982) como um conjunto de experiências da vida compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo na contemporaneidade, Berman designa ainda, esse conjunto de experiências como “modernidade”; e essa aclamada modernidade apresenta-se como dualidade e encontra-se em um ambiente que promete alegria, aventura, poder crescimento, transformação das coisas ao redor – ao mesmo tempo em que ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos, tudo que somos. Esta que pode ser capaz de anular fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia, e promover a desunião, separando e despejando todos em um turbilhão permanente de desintegração e mudança, luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Estas contradições estão continuamente sendo resignificadas no contexto experiencial desenvolvido no Acervo da Laje.

Chego a desconfiar que a invisibilidade seja uma forma de opressão e ao mesmo tempo uma negação da existência do lugar e das pessoas que nele habitam [...] Criou-se em torno da periferia um cinturão que a separa da “cidade” dita formal (SANTOS, 2014, p.170).

Santos (2013) entende que a arte empodera a pessoa, e pensando neste viés que dentro da realidade complexa e estigmatizada do Subúrbio Ferroviário de Salvador, marcado por vulnerabilidades sociais diversas e cercado por invisibilidades articuladas propositadamente, compreende ser a arte produzida também por moradores da periferia, o ponto de partida para estimular e trazer nova ressignificação para a vida destas pessoas que devido ao imenso fosso de desigualdades, não participam da arte enquanto mecanismo de fruição de vida e proteção capaz de restaurar aspectos da vida que lhe foram negados.

A cidade de Salvador como um todo, se apresenta como uma cidade de contrastes, reconhecida mundialmente por sua beleza, ao mesmo tempo em que oculta partes históricas e significativas. A exemplo do Subúrbio Ferroviário tido como um “não lugar”. A periferia e o subúrbio carregam estigmas pautados pela exclusão, pela invisibilidade ou simplesmente como reduto produtor e dizimador de pobreza e violências. Nas próprias palavras de Santos:

É como se na periferia e nas favelas o belo não pudesse existir. Diante dessa constatação fomos em busca dessa beleza que permanece invisível aos nossos olhos e que assim se encontra por que está disseminada e ao mesmo tempo escondida; não está na mídia nem nas galerias de arte, nas rádios ou nos teatros de Salvador (SANTOS, 2013, p. 71).

Importante verificar a cultura popular como forma de expressão de cidadania, como memória de experiências educativas na e da comunidade, vislumbrar essas experiências que valorizam um saber sonogado pela educação tradicional, que escondem a realidade da cultura nascida a partir do contexto popular. Essa mesma cultura popular libertadora, exige uma postura crítica, sistemática, em que não existe ganho a não ser, colocando-a em prática no dia a dia da população. E de tudo isso percebemos que ensinar não é transmitir conhecimentos, mas contar com uma diversidade de experiências e alternativas que tornem ambientes de circularidade cultural em lugar de variadas e significativas descobertas.

De Certeau (1994), considera que toda a atividade humana, pode ser considerada cultura, mas ela não o é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois “para que haja cultura, não basta ser autor de práticas sociais, é preciso que essas práticas tenham significado para aqueles que a realizam”. Isto se traduz pela capacidade de se maravilhar e confiar na inteligência e na inventividade do mais fraco, em face de uma convicção ética. “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...] De Certeau (1994).

Dussel (1973) colabora ainda analisando a partir da cultura e modo de vida dos povos periféricos, argumentando que não se trata em hipótese alguma de algo ou lugar menor, muito pelo contrário este sim se constitui como atos e lócus de resistência, como fontes poderosas de potência, caracterizado por um remanescente pertencente ao lugar menos contaminado, uma comunidade fortalecida pela adversidade e cheia de vontade política por parte de um povo oprimido; e é justamente esse distanciamento dos polos corrompidos do poder, que inaugura a partir deste povo o fortalecimento e a novidade.

Faz-se necessário, portanto, entender e vislumbrar a tradição não como algo antigo, ultrapassado e de menor valor; e sim como uma dimensão do ensino, apresentando-se nessa dinâmica de algo novo, consolidando e formando contornos culturais que não são cristalizados. A tentativa de diminuição da cultura produzida pelos de baixo, pelos periféricos, fazem parte desse campo de luta, assim como questões ligadas a apropriação de culturas produzidas popularmente como se da elite pertencessem.

Considerações

O desenvolvimento desta pesquisa tem se apresentado de maneira bastante significativa devido às importantes e necessárias imersões teóricas para a continuidade desta pesquisa; e encontrar essa assimetria que dialogue com o aspecto trabalhado no Acervo da Laje, tem me causado anseio pelo aprofundamento *in locús*.

Percebe-se que a Educação Popular se apresenta como campo fecundo de conhecimento e valorização do saber produzido na e pela comunidade, como contraponto e ato de resistência para a saída das garras da opressão e invisibilização imposta aos moradores de zonas urbanas consideradas periféricas.

As primeiras consultas para construção da dissertação sobre Popular e o Acervo da Laje no subúrbio ferroviário de Salvador-Ba, tem suscitado inúmeros questionamentos: De que forma os moradores do subúrbio se apropriam do Acervo da laje? Que contribuições objetivas são passíveis de serem apreendidas a partir das ações desenvolvidas no Acervo da Laje junto aos atores envolvidos? Há a possibilidade de estendermos essas ações de educação popular como mecanismo de emancipação política? Muitas são as perguntas... ainda sem respostas. Caminhemos.

Finalizo este ensaio com a ideia do muito a se pesquisar, a buscar e contextualizar, por hora, penso neste invólucro que envolve a educação popular, a cultura, a ontologia, a beleza, a diversidade, as desigualdades, todos esses sentidos muito próximos e por vezes amalgamados e naturalizado pelo processo de invisibilização imposto historicamente.

REFERENCIAS

ARROYO, M.G. **Indagações sobre currículo** – educandos e educadores: seus direitos e o currículo. Brasília: Ministério da educação/Secretaria da Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov/seb/arquivos/pdf>. Acesso em 05 de agosto 2018.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Editora Schwarcz, 1986: São Paulo.

BOMFIM, Luciano Sérgio Ventin. **A ontologia Humana enquanto referencia para uma educação popular emancipatória**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 43, p. 205-213, jan./jun. 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**, Editora Brasiliense. 2000

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUSSEL, Enrique. **Transmodernidade e Interculturalidade** (interpretação desde a filosofia da libertação). In: BETANCOURT, Raúl Fonet. Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
_____. Educação Como Prática da Liberdade. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HOBBSAWNM. E. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LARAIA, Roque Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MACHADO, Aline Maria Batista. **A relevância da educação popular para o serviço social**. Educação Unisinos, volume 17, número 2, maio/agosto 2013.

MOTA, Sueli Ribeiro. **Dom Milani e Paulo Freire: experiência de educação cidadã e democrática.** ENCONTRO Sustentabilidade na diversidade – Insurgência educacional na atualidade/ Dom Milani, Danilo Dolci, Paulo Freire. – Salvador, 2018.

NASCIMENTO, A.D. **Organização de Base:** a reinvenção da participação da participação popular. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Salvador: FFCH – Universidade Federal da Bahia, 1985.

Simone Weil - **atualidade de uma estranha mística para os nossos estranhos tempos.** Disponível em: http://www.fundacao-betania.org/biblioteca/profetis/Simone_Weil.pdf. Acesso em: 23 mai. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização:** Do Pensamento Único à Consciência Universal. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Acervo da Laje:** memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. São Paulo: Scortecci, 2014. 354 p

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Nascentes da Beleza:** História, arte, religiosidade e música na cultura brasileira. São Paulo: Scortecci, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro:** A formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.